

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO III • Nº. 29

DEZEMBRO DE 1977

BLUMENAU — SC

Cr\$ 3,00

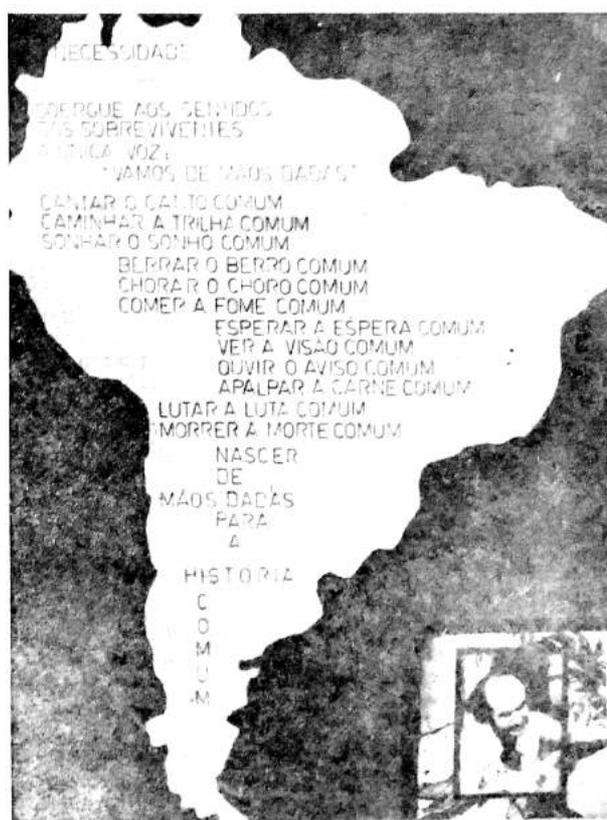
Este é o último número

EM 1978

O Jornal Acadêmico passará a ter uma nova forma gráfica. Reunimos um significativo grupo de intelectuais catarinenses e, nos próximos números, pretendemos revelar com maior proveito a cultura literária e artística do Estado ou de qualquer parte do país. As colaborações deverão chegar até a redação antes do dia 20 de cada mês.



CIRINEU M. CARDOSO



CIRINEU M. CARDOSO

NOVO REITOR

O Jornal O Acadêmico saúda o novo reitor da FURB na pessoa de José Taíner. Ao eleito, os votos de profícua gestão e o apoio do DCE e do jornal.



SUCESSÃO NA ENGENHARIA

O diretor da Faculdade de Engenharia de Blumenau Orlando Gomes foi sucedido para outro mandato pelo professor Paulo Bayer, também da Faculdade de Engenharia. Ao eleito, os votos de pleno êxito no novo posto.

UM FELIZ NATAL

CARTAS

BLUMENAU SC — Sr. Diretor

Esta tem a finalidade de cumprimentar o pelo inenorme trabalho que vem desempenhando junto ao jornalismo de nossa cidade e, principalmente junto a esta universidade. Reputo como um trabalho difícil, necessário, mas gratificante. Por isso junto vai o meu brado de apoio para que o Sr. e a seleta equipe de O ACADEMICO, continuem firmes no desempenho de tão importante missão, qual seja, a de bem informar a comunidade a que se dirige. JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

FLORIANÓPOLIS SC —

Prezado OOO
... Após o desaparecimento do SUPLEMENTO JSC, creio que O ACADEMICO permanecerá na vanguarda em nosso Estado como divulgador de nossa literatura... O CADERNO ESPECIAL está cada vez melhor. O importante é exatamente haver um órgão que ofereça as primeiras oportunidades aos novos. Quem for bom terá depois condições de permanecer e quem não o for sofrerá seleção natural. A oportunidade que O ACADEMICO oferece, nesse sentido, é a melhor possível. Parabéns pelo trabalho. Um abraço de LAURO JUNKES

RIO DE JANEIRO RJ —

... Felicidade para a Associação dos Escritores Catarinenses e para "O Acadêmico" ... Parabéns. Para frente sempre são os votos da amiga MAURA DE SENNA PEREIRA.

FLORIANÓPOLIS SC —

Vimos por meio deste divulgar os novos componentes da Diretoria Executiva do DA oito de maio da Fac. de Ed. da Univ. para o desenvolvimento de Est. de SC. — UDESC. Fazemos uso do mesmo para solicitar assinatura do Jornal feito pelo vosso diretório. Ateiosamente Cassol Bonfílio presidente
Helena Spricigo secretária

LONDRINA PR —

Caro confrade
Acabo de receber a sua carta do dia 10 e tomei conhecimento

da sua árdua tarefa de manter "O Acadêmico". Votos de pleno êxito! Cordialmente J.J. PULLS

ITAJAI SC —

Acusamos e agradecemos seu Jornal de outubro de 1977. Esperando continuar merecedores de suas atenções, aceite nossos votos da mais alta estima e distinta consideração — Ateiosamente Prof. ACYR CSMAR DE OLIVEIRA Diretor de Cultura e Esporte e Prof. EDISON D'AVILA da Secretaria da Educ., Cultura e Esp.

BRASÍLIA DF —

Meu caro O.
Parece que estamos distantes mas, na verdade, estamos mais próximos. Desde abril estou aqui. Depois que o Saco morreu (ver Jornal O Saco). Mas estamos levando o barco, mesmo contra a maré e pondo em prática velhos projetos, como Queda de Braço, outro jornal... Estou escrevendo e publicando uma série de pequenos artigos sobre literatura nordestina. Estes que seguem anexos são dois deles. Receba um abraço pai-dégua de NILTO MACIEL

RIO DE JANEIRO RJ

Meu caro O.
... Obrigado, também, pelos números de "O ACADEMICO", que você não se esquece de remeter-me. O jornal continua vivo, e isso me põe contente. Aqui estou, como sempre, disposto a colaborar com vocês. Um cordial abraço de MARCOS KONDER REIS

GOIANIA GO —

Continuo recebendo "O Acadêmico" — o que me deixa que é certeza de que esse pessoal sabe realmente lutar pelos seus ideais, pois fazer sobreviver imprensa cultural (hoje é muito difícil). Ótimo, e meus parabéns. Com a amizade maior de ALVARO CA TELAN

SÃO PAULO SP —

Nosso grupo de poesia marginal, o "mais Cara Máscara", está fazendo um levantamento e buscando estabelecer contato com os principais veículos literários e de imprensa alternativa do Brasil, com o objetivo

de troca de experiência e eventual divulgação do nosso trabalho. Assim, gostaríamos de obter confirmação de continuidade de "O Acadêmico", e do possível interesse de você por esse intercâmbio. Agradecemos ainda o envio de exemplares para o nosso "acervo marginal". Aguardamos notícias SERGIO AMARAL, p/grupo Mais Cara Máscara.

AGRADECIMENTOS —

O Jornal agradece os cartões de natal recebidos de: Edith Kormann, Leopoldo B. Martins. O Acadêmico agradece ainda os cartões de:

Marly Rothbarth (Blumenau SC); Liberato Manuel Pinheiro Neto (Florianópolis SC) Teresinka Pereira (Colorado USA) K — Centro de Aprimoramento (Blumenau SC); José Roberto Rodrigues (Blumenau SC) Augusto Sylvio Prodóhl (Jaraguá do Sul SC); Hans Bachl (Joinville SC); FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau; Editora Ática S.A. (São Paulo SP); Marcelo Cavalcanti (Recife PE); Maria Elena Dubecq (Buenos Aires Argentina).

As colaborações financeiras que muito nos incentivaram do:

Diretório Central dos Estudantes de Blumenau, Conselho Estadual de Cultura, na pessoa do Sr. Theobaldo Costa Jamundá, Edith Kormann (pelas duas assinaturas); Cirineu M. Cardoso, Leopoldo B. Martins, Prof. Venceslau Muniz.

Aos convites para as promoções do:

Dpto. de Cultura da Prefeitura de Blumenau na pessoa do Sr. Guido Heuer

Dos lançamentos de livros da Editora Ática, da Editora e Livraria Lunardelli.

Aos colaboradores que nos deram, com a força de seus artigos e o peso de suas idéias, a popularidade e o prestígio que ora desfrutamos, nossos sinceros agradecimentos.

A REDAÇÃO

EXPEDIENTE



Caixa Postal 1124
89.100 - Blumenau - SC

*
Diretor e Redator Responsável
OLDEMAR OLSEN JR.

*
REDADORES
Maria O. Onório Olsen, Fred Richter, Domingos S. Nunes, Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto D. Saut, Sílvia B. de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos E. O. Bastos.

*
Divulgação e Relações Públicas
EMILIO SCHRAMM

COLABORADORES

Theobaldo Costa Jamundá; Norton de Azambuja; Maurício de Senna Pereira; Teresinka Pereira; Marcos Ercin; Pinheiro Neto; Pedro Bertolino; Marcos Konder Reis; Arnaldo S. Thiago; Pedro A. Grisa; Aldo Schmitz; Carlos Adauto Vieira; Augusto Sylvio Prodóhl; Hans Bach; Jurgen Jacob Puls; Holdemar de Menezes; Bráulio M. Schloegel; Cirineu M. Cardoso; Raimundo Caruso; Alcides Buss; Juraci Carlini; Gervásio Luz; Enéas Athanázio; Celestino Sacht; Edith Kormann; Lauro Junkes; Geraldo Luz; Otávio J. Ferreira; Marcelo Cavalcanti; Marcos Mendra; Ivar Maurício; Iran Gama; José Roberto Rodrigues; Ana Maria Bacca; Luís; José Endoença Martins; Glauco Rodrigues Correa; Rosa S. Pasqual; Mário Newton Filho; Abel B. Pereira; Venceslau Muniz; Carlos D. W. Martins; Eulália Radke; Nílto Maciel Armin.

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

ASSINATURAS Cr\$ 50,00 anuais
JORNAL "O ACADEMICO"

C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº.

CEP

Cidade Estado

Universitários e o processo reitoria

Roberto Diniz Saut

A nossa Furb, Fundação Educacional da Região de Blumenau, jamais escapou e nunca se virá livre dos tremores que abalam os pensamentos, já em formação de "alas"; o processo da escolha do novo Reitor ou melhor, os processos isolados de escolhas não oficiais, mas políticas, que convergem para esta escolha.

O processo, o trâmite do assunto, se repete de quatro em quatro anos (ajudem-me os entendidos... à semelhança de abalos sísmicos), e tem um início, muitas das vezes, tão remoto, que se faz necessário uma análise de fatos, atos, acontecimentos, atitudes, que apenas não escapam aos mais interessados. Toda causa pode produzir um efeito, efeitos estes que se ocultam à realidade perceptível ou que se manifestam ao sabor das conversas grupais. Nomes que são indicados para a famosa, decantada e suada lista sêxtupla trazem verdades, inverdades, meias verdades, esclarecimentos, surpresa e até impasses. Nomes que são ventilados ao gosto de confabulações objetivos, metas, planos e estratégias esclarecem posições, oportunizam atividades concretas, refletem maturidade racional, ou, deixam perplexa unanimidade de desejos, aspirações, vontades e necessidades, reais necessidades.

Cabe aqui, como pausa, um esclarecimento. De que maneira se processa a escolha do reitor da nossa Universidade (que na realidade uma Fundação Educacional, que na verdade um Presidente de Fundação, que na verdade um futuro reitor de uma futura e próxima Universidade)? Por demais simples (simples o trâmite legal, porque o lado político da questão, deveras complexo)! Em dia "X" se reúnem, em mesa redonda, o Conselho Universitário, a Câmara de Ensino e o Conselho Departamental, onde, em todos eles figuram (e

isto torna-se importante) representantes do corpo discente — universitários, portanto, conscientes do seu dever referidos aos desejos da maioria que reprovoto pró interesses, meramente incorporam). Desta reunião, onde olhares, gestos, fisionomias significam posições pré-estabelecidas, por votação, são definidos seis (06) nomes, que compõem a citada lista sêxtupla. Esta lista, tão logo datilografada, como cópia fiel do estabelecido, segue para as mãos do Chefe do Executivo Municipal, que enverga a suprema, imparcial e pessoal responsabilidade da escolha democrática do futuro reitor. Após sua decisão, o Prefeito Municipal, possivelmente tranquilo, nomeia oficialmente aquele que deverá, olhos voltados aos anseios universitários, dirigir os destinos da nossa Universidade. Mas, na atual situação furberana, houve um processo, antecedente importante e aberto ao público acadêmico: o da indicação de dois nomes para, respeitadas as vontades do Conselho Universitário, da Câmara de Ensino, e do Conselho Departamental, compõem a lista sêxtupla. Esta indicação foi decisão dos Diretores de Faculdades (acordo de cavalheiros), uma vez consultadas as Congregações das respectivas Faculdades. Excluíram-se deste processo "pré-operatório" as Faculdades de Engenharia e de Educação Física, por questões óbvias e por uma "faculdade que lhes é inerente", é claro!

Explicados, remóidos, concluídos estes esclarecimentos necessários aos que "navegam em águas salgadas imaginando-as águas doces" passemos para a massa universitária, suas necessidades, suas opiniões, seus anseios, suas contradições. Na realidade, não nos importa no momento citar os possíveis reitores ventilados em compartimentos, em telefonemas, em recados, comitivas e for-

tes sugestões. Não, citar nomes seria chover no molhado! Nossa posição, a posição do universitário será essencialmente a de prever um Reitor que atenda às nossas necessidades mais primárias (aqui, primária, no sentido de mais fundamentais, básicas e que muitas vezes são relegadas ao plano das secundárias). Nossa posição será a de, pelos meios que nos são legais, possíveis e coerentes, formar uma noção do que realmente entendemos por "excelente reitor", "reitor voltado para o estudante", "defensor das nossas causas", "amigo do diálogo", "administrador capaz", "orientador", "conselheiro", "mão forte, pulso firme, decidido, diplomata, inteligente, sábio", "profundo conhecedor dos problemas sócio-econômico-culturais do universitário da nossa região", "qualidades outras, capacidades outras, conhecimentos outros, todos voltados para o estudante e, via consequente, para a própria Universidade (administrativa, educacional, cultural, socialmente falando).

Queremos formar fileiras, direta ou indiretamente, na escolha do novo Reitor... não pressionando (isto foge aos nossos princípios), não criticando (isto desmoraliza nossos ideais), não nos omitindo isto destrói nossas personalidades), mas, votando através dos nossos representantes, sugerindo posições que corroborem nossas atuais necessidades.

Torna-se importante e urgente que o estudante venha a se interessar pelo processo reitoria, já porque o mesmo estudante sofre, suas consequências (boas ou más). É possível que, ao sair do prelo este número de "O Acadêmico", a escolha já tenha ocorrido. Não invalida a intenção, quando novas sucessões houverem de vir, quando já estamos participando com mais consciência do tão falado processo.

DA EXISTENCIA DE UM JORNAL CULTURAL

Por Elysis Condé

... Em julho de 1949, no terraço da ABI, com a presença dos seus fundadores, Elysis, João e José Condé, escritores e amigos, foi entregue ao público o seu primeiro número. O acontecimento lembra data já tão distante na vida de um jornal literário, que nasceu sem nenhuma pretensão, a não ser a de servir às letras do País. O estímulo a vontade de sobreviver. A força de vontade e também o compromisso com os que acreditavam e acreditam no seu trabalho, nos animou a continuar, apesar das dificuldades de todos os dias e de todas as horas. E, não fosse este desejo há muito, como tantos outros órgãos, já teria deixado de circular.

Somos estimulados e incentivados no nosso trabalho pelos que acompanham o evoluir da cultura no Brasil e no exterior.

Em 1970 a escritora Dinah Silveira de Queiroz, na sua crônica diária, dizia: "Um jornal literário tem publicação reduzida em qualquer país e infelizmente a literatura não tem o seu devido lugar; mas a persistência do JORNAL DE LETRAS é inigualável, está presente nas bancas e livrarias dos quatro cantos do país, com o seu recado de atualização do nosso meio literário. Em qualquer lugar do mundo, onde haja uma embaixada do Brasil, é encontrado, fazendo a divulgação da nossa cultura. Este mensário prossegue com o seu programa traçado de promoções de concursos, apontando e identificando os valores, dando acolhida aos escritores novos de todos os Estados do Brasil, informando e focalizando os acontecimentos culturais".

O escritor português Marques Gastão diz que a exis-

tência de um jornal como o JL é já, por si só, uma afirmação positiva de que nem tudo está perdido, sobretudo quando um órgão cultural como este é um ajanelado aberto para os valores que começam, não apenas no Rio ou São Paulo, como e métodos os Estados brasileiros. O seu trabalho de hoje é a continuação de seu primeiro número — trabalhar e divulgar as nossas letras, trabalhar por uma causa a que se comprometeram seus fundadores e colaboradores, numa luta pelas letras da nossa terra.

O JL não sabe até onde vai. Prosseguirá, contudo, até onde os que trabalham com ele encontrem forças para continuar. Nos seus vinte e oito anos de existência, colaboraram nas suas páginas o que há de mais expressivo na nossa literatura. Há um microfilme dos seus vinte e cinco anos, contendo todo o seu documentário.

Nosso muito obrigado ao Editor-Chefe, redator, colaboradores, funcionários, amigos do jornal, representantes nos Estados, ao pessoal das oficinas gráficas onde o JL é impresso, a todos quantos sempre trabalharam por sua existência, sem visar, apenas, a fins econômicos, mas procurando sempre prestigiar um trabalho cultural pelo engrandecimento das letras nacionais.

JORNAL DE LETRAS

EDF. RAIMUNDO CORREIA

RUA BARATA RIBEIRO, 774 — 10º. ANDAR — SALA 1001

RIO DE JANEIRO — RJ

CRÔNICA

Heróis da noite

Maria Odete Onório Olsen

Deles, ao lado, da boca o samba diz-se que a batida é a mesma em toda boca qualquer.

Da moça de amarelo, que entra e senta, da boca entrea berta o sorriso estático, somente percebe-se a cor que ilumina e diz-se desta, que é desespero.

A cerveja morna se enleia à minha saliva e eu me engulo comum destilando lamentos por essa consciência que nada realiza.

O papo é micho o pivete entra, eu estou de costas e só o percebo passando.

Como não poderia deixar de ser é noite, dez horas, na mesa nos olhamos discretamente e mais angulosos ainda nos voltamos para brincar um amigo que entra ou, com o rabo d'olho devido aos devidos respeitos, acompanhar alguma forma esvoaçante ou voluptuosa (manja o termo) até o balcão.

Ele começa a rodar no bar desligado, batendo na caixa como quem diz importam-se?

Eu o observo e digo coitado.

Tomo mais um gole da cerveja e juntos, em uníssimo eco de anjos bem lavados, meus amigos e eu concordamos que a bebida nas alturas não tava com nada.

E outra vez olho aquele traste e perco coitado.

E é um pensamento somente, como poderia ser, poxa sei

lá deixa eu só te contar essa: devesse o coitado talvez, mais por ele ser criança e a criança que eu tenho ser menino ou, por ele estar sujo, ser preto, ficar batendo na caixa naquelas horas na esperança da visão de um pé estendido ou ter olhos grandes e olhar assim redondo para todos. Principalmente para a garrafa de coca do colega que também havia chegado ou, talvez por aspirar festa nos batos evaoriados dos baurus, tão distantes para uns braços tão pequenos.

Seja o que for, era um pequeno engraxate marron (de certo pela poeira, mas realmente estava mais para marron do que para preto), vagando do incerto no espaço amontoado, entre discretas gozadas de tão limpos frequentadores, cresceu para mim. Ou melhor, para um infortúnio que ele não podia prever, estava crescendo na minha imaginação.

E graças para a minha imaginação.

Pois para tanta criação também estariam vibrando nessa já então agora corrente espiritual, professores, pedagogos, psicólogos, psiquiatras e policiais.

E não estranhe porque é assim mesmo.

Estamos completamente dominados pelo sensacionalismo. Última inovação em

males tupiniquins a algumas décadas de importação. Pois a cada dia mais, mais frequentemente fixamos esse masoquismo nessas auto consagrações que se projetam em imagem refletida ante um espelho qualquer. Quanto mais aberrante e ofensivos forem nossos conceitos, quanto mais sem nexo forem nossas mensagens jogadas nas mentes de quem nos vê ou ouve, mais dolorido nos fica o sentimento de rejeição, mais acentuada é a marca de dor a nos latejar, mais excitante e satisfatório se torna esse autoflagelo mental, essa tão praticada masturbação intelectual.

Mas isso são outras histórias e, deixe-se elas prá lá.

Talvez em função disso, o fato era ele estar crescendo para mim.

Um adolescente, um pivete comprido, sem graça, quieto.

Cuspindo e esfregando em rodoviárias aqueles pés indiferentes.

Espreitando ambição nas carteiras gordas e grandes, até onde seus olhos se erguiam, que sempre esnobam seus tostões.

Sendo galo de briga por seu ponto, vivendo empurrando com o canivete em riste, a lábia aticando o sonho, transando a esperança no peito, talhando no cotidiano a injustiça, crescendo sempre

mais de beco em beco envergonhado em prazo. Divago, nada de ações, também não importa; e nem comporta.

Mas vai dar bom podes crer. No que decidir será o melhor.

D'um intelectual a motorista de ônibus ou marginal.

—X—

E um chavão feio e brabo, moído de dor, prá finalizar.

A noite se vai finda, dentro da madrugada morna.

É bem certo que uma prostituta tenha feito um pai de família, entupido de preconceitos, feliz;

um outro, na dormência do sono, por certo não está a se lembrar do chute ao brinquedo que se interpôs na ordem reurótica de sua sala.

e um poeta distante, talvez tenha lembrado soturno ou divertido, que você imbuído de seus designios passou por mim e nem se lembrou, passou pisando leve mas a cada passo uma crença minha esmagando.

No silêncio, de morcegos voejando e um galo metido a besta cacarejando, à madrugada o medo e o sobressalto de eu estar só e você passando.

A escuridão imóvel meu corpo frio e só nessa mágoa real e inevitável ora bolas, de gente comum outra experiência marcando, com mil perdas, mas pela puta dessa consciência, em tê-la somente e nada poder interferir.

TEATRO

NA FURB

Edith Kormann

Segundo a mitologia grega, "Phoenix" é um pássaro gigante com plumagem vermelha, azul e dourada, originário da Etiópia, que segundo uma versão, quando sentia aproximar-se a morte, fazia uma espécie de ninho com ervas mágicas e plantas aromáticas, ateava lhas fogo instalando-se em seu centro. Das cinzas surgia uma nova "Phoenix". Estava assegurada a sua descendência.

O Grupo Teatral da FURB é uma "Phoenix" que renasce a cada ano que passa com novo elenco, onde novos valores se revelam, garantindo assim a continuidade do Grupo. Apesar de atuarem como "meteóros", é gratificante lidar com criaturas que por momentos se despem de sua verdadeira personalidade, assumindo o seu personagem.

Teatro é cultura, sendo inadmissível a ausência do mesmo da agenda dos nossos universitários. O teatro abrange a totalidade dos conhecimentos humanos refletindo portanto, a totalidade dos movimentos sociais, políticos e culturais através dos tempos. É uma arte que apresenta formas de atividade humana que estão submetidas às leis do desenvolvimento social dos grupos humanos.

É muito comum rotular uma pessoa de culta, quando a mesma é, ou pretende ser "cem por cento" em determinada área do conhecimento humano. É errôneo. A cultura de uma pessoa se evidencia quando a mesma souou conhecimentos de todas as áreas sobre sólidos alicerces.

Participe do nosso movimento teatral.

LIVRARIA ACADEMICA

AÇORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

INFORMAÇÕES

Poeta brasileiro nos Estados Unidos

O jornalista e escritor Alvaro Alves de Faria terá um livro editado nos Estados Unidos, em janeiro do ano que vem. Trata-se de "4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados", lançado em 1974 pela Editora Alfa-Omega.

Esta obra conta com uma carreira marcante no campo da literatura: em 1976, ainda inédita, recebeu o prêmio "Governador do Estado de São Paulo" (Estímulo) e o prêmio "Prefeitura Municipal de São Paulo" para poesia.

Mesmo com esses dois prêmios, a obra só foi publicada em 74, quando recebeu então, o "Per. Club Internacional de São Paulo e o segundo lugar da "Associação Paulista de Críticos de Arte", que escolhia o melhor livro de poesia do ano. O primeiro lugar coube a Carlos Drummond de Andrade, com "As Impurezas do Branco".

Muitos poemas de "4 Cantos de Pavor" faziam parte dos recitais de poesia que o autor realizava em pleno Viaduto do Chá, no ano de 1965, que foram interrompidos por questões circunstanciais. O autor diz que o livro será editado nos Estados Unidos por uma questão puramente ocasional. E explica como as coisas aconteceram: "Há três anos, um professor norte-americano, Charles Richard Carlisle, do Department of Foreign Languages and Literatures, da North Texas State University, esteve no Brasil, oportunidade em que adquiriu grande número de obras brasileiras. Entre elas, estava o livro "4 Campos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados".

Há quatro meses, Alvaro Alves de Faria recebeu uma carta inicialmente enviada à Editora Alfa-Omega. Era assinada pelo prof. Charles Richard Carlisle e ainda pelos professores Fred P. Ellison, também da Universidade do Texas, Austin; Michael Fody III, da Universidade da Califórnia do Sul, Los Angeles; e Richard O'Connell, da Universidade de Temple, Philadelphia. Os professores solicitavam autorização para verter os poemas dos "4 Cantos" ao inglês, visando seu

lançamento nos E.U.A. Ao mesmo tempo, informavam que a obra será distribuída, também, a alguns países latino-americanos, pelo Centro de Estudos Brasileiros de Assunção, Paraguai e pela Academia araguaia de Língua Espanhola, também interessados nesta tradução.

Alvaro de Faria respondeu afirmativamente, ocasião em que remeteu aos professores, exemplares das novelas "O Tribunal" e "O Defunto — Uma História Brasileira", lançadas pela Símbolo respectivamente nos anos de 75 e 76.

Na troca de correspondência, os professores mostravam-se também interessados nas duas novelas, comunicando ao autor que as mesmas merecerão um estudo que será apresentado no ano que vem, num Congresso de Literatura que se realiza anualmente nos E.U.A. Em seguida, esse estudo também será publicado em forma de livro.

Alvaro Alves de Faria não publica há muitos anos, porque — conforme diz — "não compreende a marginalização imposta à poesia. O poeta brasileiro chega a sentir vergonha de ser poeta no Brasil", costuma afirmar. Ele assegura que há uma urgente necessidade de se abrir um maior espaço aos bons poetas brasileiros, porque não é aquele sujeito que vive com a cabeça na lua, como muitos ainda imaginam. Esses, provavelmente, não conhecem a história do mundo, não sabem o papel do poeta nas grandes transformações e conquistas da humanidade. Não é possível aceitar esse estado de coisas, no qual a marginalização da poesia já é algo quase oficial. Trata-se de uma rejeição cruel, que apenas empobrece ainda mais o nosso melancólico subdesenvolvimento cultural.

"Seja como for — diz Alvaro de Faria — as boas notícias vindas dos Estados Unidos poderão devolver um certo ânimo perdido. 1978 marcará o décimo quinto ano de lançamento do meu primeiro livro de poesia, que foi "Noturno-Maior". Talvez eu possa comemorar a data lançando um livro reunindo poemas escritos de 65 até agora".

Realizadores de Super-8 lançam manifesto em Recife

A Censura pode impedir a exibição pública, mas não interfere no processo de elaboração de um filme. Os cineastas, notadamente os que praticam o super-8, uma bitola desvinculada de interesses comerciais, não devem levar em conta portanto, a existência da Censura no momento em que escolhem um tema e realizam uma obra.

A esta conclusão chegaram os realizadores que participaram do I Festival de Cinema Super-8 do Recife, encerrado neste final de semana em meio a um consenso quase generalizado sobre o distanciamento da maioria dos filmes exibidos diante da realidade brasileira. O documento lido

para o público na sessão de encerramento do Festival, com um resumo das conclusões dos debates promovidos entre os realizadores, aborda não apenas o problema da Censura, mas constata também que o chamado "distanciamento crítico" da maioria das obras decorre, a um só tempo, tanto das limitações do "contexto sócio-político" quanto do retraimento dos próprios cineastas.

Um dos jurados e organizadores do festival, o crítico Celso Marconi, detectou, em boa parte dos 68 filmes inscritos, "a limitação provocada pelo simples registro de imagens. Nestes casos, o realizador li-

mitou-se a olhar a realidade, quando o importante é que o cineasta analise, lance idéias, transmita opiniões". A julgar pelas reações da platéia, que, durante a quatro sessões de exibição, com ingresso pago, superlotou o Auditório do Centro Interescolar Luiz Delgado, localizado no centro da cidade, a opinião do público do super-8 também é esta. Os filmes que não se limitavam ao mero registro de imagens, mas, pelo contrário, assumiam uma posição crítica diante do tema abordado, e tentavam aprofundar o contato com a realidade, polarizaram as atenções e os aplausos da platéia.

O documento lançado pelos

realizadores contém um tópico de repúdio a falhas cometidas pela indústria Kodak na relação de filmes em super-8. Alguns cineastas receberam, dos laboratórios da indústria, filmes inutilizados depois da revelação, segundo eles próprios afirmaram durante os debates. A queixa, também subscrita por realizadores paulistas, será levada à Embrafilme. O documento destaca, por fim, um item que aborda as relações das ciências sociais com o cinema, a necessidade da dotação de verbas, por parte dos órgãos e instituições de pesquisas, para a documentação áudio-visual dos fenômenos estudados.

ESCRITOR PREGA CULTURA DESCENTRALIZADA

O escritor paulista João Antonio disse anteontem à noite em aracaju que no Brasil já se começou o engajamento político na literatura com seriedade: "A partir do momento em que 1.064 escritores brasileiros assinaram um documento contra a censura", disse, "as classificações ficaram muito claras: há um sistema e uma classe intelectual que está contra o Sistema histórico, vejo engajamento político na literatura".

tema. Agora existe uma posição datada e assinada. Por essa

Falando a estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Sergipe, João Antonio — que esteve em Aracaju participando de um seminário de literatura reunindo também, neste fim de semana, os escritores Osman Lins, Afonso Romano de Santana, Ignácio de Loyola e Genolino Amado — afirmou que não se pode falar de problemas culturais brasileiros sem abrange problemas mais profundos, como sociologia, economia e, principalmente, política.

CURSOS**CURSO DE MARKETING,
TÉCNICAS DE VENDAS,
MOTIVAÇÃO E RELAÇÕES
HUMANAS NO TRABALHO**

OBJETIVO: A finalidade é de aprimorar o homem de vendas e seus dirigentes, dando técnicas do moderno marketing e maximizar motivação para um melhor relacionamento com a empresa e sua clientela.

MATERIAL DIDÁTICO

Você ganhará para fazer este curso todo material didático como:

- * Fitas K-7 gravadas com "as dicas" das sessões
- * Textos — Resumo do curso
- * Material para anotações
- * Certificado de conclusão do curso
- * Organização para encerramento festivo

PROGRAMA

- * Abordagem inicial do moderno conceito de Marketing com seus fundamentos econômicos
- * Abordagem dos princípios do sucesso, material Audio-visual com slides
- * Estudo do Marketing
- * Funções do Marketing
- * Técnicas de Vendas
- * Relações Humanas no Trabalho — Material Audio-Visual com slides
- * Tipos de liderança e a função do Líder
- * Abordagem profunda do Relacionamento do Homem ao Trabalho
- * Treinamento Audio-Visual na área de liderança, organização e direcionamento de Vendas

BENEFÍCIOS DO CURSO — MORH — VENDAS

- * Técnicas de vendas
- * Segmentação de mercado
- * Segmentação psicológica
- * Conceito e evolução histórica do marketing
- * Estudo do produto, lugar, promoção e preço
- * Lei psicológica da reciprocidade
- * Fundamentos econômicos do marketing
- * Funções do marketing
- * Relações humanas no trabalho
- * Adaptação do homem ao trabalho
- * Adaptação do trabalho ao homem
- * Adaptação do homem ao homem
- * A função do líder e do liderado
- * Formas de falar, de ouvir, sentar, discutir, perguntar e concordar
- * Tipos de liderança
- * Como dirigir um grupo
- * Princípios do sucesso
- * A importância da autorização
- * Atitude mental progressiva
- * Psico — Cibernética
- * Empatia e criatividade
- * Brainstorming individual e grupal
- * Outras técnicas que o K — Centro de Aprimoramento dar-lhe-á para você ter sucesso e alto preço.

K **Centro de
Aprimoramento**

Rua São Paulo, 732 BLUMENAU
Fone: 22-06-31 SANTA CATARINA

ESTÓRIAS CURTAS**Inseminação artificial**

Por Carlos Adauto Viçosa

— Mas doktor, nós sempre faz assim...
— Bem, mas um dia tem de mudar, porque indo progride. Agora é mais fácil com a inseminação artificial, mais barato, também, pois o senhor, não precisa de um touro.
O colono coçou a cabeça, tirou do bolso de trás da calça umas palhas de milho, alisou uma escolhida, com o canivete, picou o fumo de corda cheiroso, moeu na palma da mão com a palha segura entre os dentes.

— Doktor, zenhor tiz non prreciza mais touro.

— Claro, por isso é mais barato. Só paga a inseminação e ainda pode escolher a raça. Em todos os países do mundo que se faz é isso para apurar a melhorar as raças. Vem cada animal que só vendo.

O colono bateu no isqueiro, uma chama azulada enorme subiu do pavio, enquanto ele acendia o palheiro espremendo a brasa com a ponta da unha. Deu duas chupadas fortes, cuspiu grosso, falou e disse:

— No quarrta feirra, zenhor vai no meu casa prrrá achsperrimentar. Ze dá zerrrto, nós faz tudo com inseminação artificial. So.

O jovem engenheiro agrônomo viu naquilo uma vitória da sua companhia em favor da inseminação artificial. Era o mais duro dos colonos da região e também o mais forte. Tinha terras e gado de não acabar mais. Se ele adotasse o processo, os outros todos adotariam.

— Tá bom, quarta-feira vou lá cedinho.

Apertaram-se as mãos e o colono partiu de bicicleta, deixando as terras da fundação, onde se faziam experimentos sobre agricultura e pecuária.

Na quarta-feira o colono se acordou e disse para a sua mulher.

— Frau, hoje tenho de irrr pagarr um letra no Stein e o doktor da fundação combinava comigo fazer inseminação artificial nos vacas. Fou deixar os vacas separadas prrrá ele. Tu tiz qual zon. Ele faiz.

— Que é inzerminação artificial?

— Decktor tem cheitinho ue faz vaca ficar esperando cria sem prreciza de touro.

A mulher só arregalou os olhos e franziu a testa.

O marido pegou a bicicleta e foi para a cidade, depois de haver explicado para a esposa quais as vacas que o doutor poderia usar para a sua experiência com a inseminação artificial.

Ai pelas nove horas, o doutor chegou cumprimentou a Frau e perguntou pelo marido.

— Zenhor é o doktor? Minha marridinhas techava tudo echisplicadinho prrrá mim.

E com um olhar de curiosidade e assombro, disse ao doutor:

— Minha marridinhas disse zenhor pode fazer inseminação naquelas vacas ali. E éste pirrginho é prro zenhor pendurrar os calzas.



A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina

ACADERNO ESPECIAL

MOSTRE-ME ALGUÉM PLENAMENTE SATISFEITO E EU TE MOSTRAREI UM MORTO. (O. O. J.)

*Os teus passos na escada
ainda escuto.*

Antônio Juraci Carlini
Blumenau — SC.

Os teus passos na escada ainda escuto
quando de noite um silêncio enorme enche meu
quarto

e a solidão arranca dos meus olhos
duas gotas de sangue.

Há uma multidão de fantasmas
tristes como eu
desgarrados

projetados como sombras
contra a nudez das paredes.

Há todo um sem número
de serpentes marinhas
turbilhonando

no poço escuro da memória.

Eu quisera ser rei

ser monge
ser louco

ou visionário...

Eu quisera lançar-me ao vento
esbater meu corpo contra o sol
verter sobre meu mundo
a luz do imaginário.

E ver-te a ti
despida

inutilmente transposta da rua noturna
para o interior da minha fantasia.

Afago

Izabel Pavese
Blumenau — SC

Era tarde,
quando afoguei a cabeça no teu peito
arfando.

Moreno, quente,
dos sóis de verão
Teu gosto de sal e suor
misturado com a areia,

fina, ardida,
a picar e fustigar
penetrou-me nas veias.

Teus cabelos loiros revoltos
ao vento alçavam

avermelhados com o brilho do sol.

A pele e os pelos tostados,
arrepitados,

deixavam à mostra
uma visível inquietação

disfarçada num abraço, num beijo;

Na procura incessante,

no afago excitante.

Ficaste assim...

Entre meu sonho e minha realidade

Meu presente e meu passado.

Agradecimentos

Mas agora que estamos no amor
E vivemos a paz,
Vem comigo e vê, desta janela,
A grande tarde suspensa sobre o mar.
Se desfez a procela, o sol é meigo,
Como o que acende dentro de nós
Uma alegria de poder amar:
Mais forte do que o medo,
Mais poderosa do que um segredo,
Quando nos faz ressuscitar.

Pode ser que amanhã
Tenhamos de partir convocados
Por tanta gente que não sabe amar.
Será triste, meu bem, como escutar
O grito de um torturado,
Sem poder ocupar o seu lugar.
Mas nós estamos no amor:
Nada pode apagar esta ventura
Que armou no abraço a estrela do abraçar.

Na mesa de amanhã, seremos três,
E mais um coração baterá nesta sala,
E há de ser alegre e lindo
Como, numa torre, um sino a mais
Batendo na manhã de um domingo.

Muito obrigado, meu amor, pela coragem.
De convidar mais um para comer conosco:
O amor não teme a vida porque sabe
Que pode transformar o mundo.

As nuvens passam altas e é serena
A maneira da tarde se acabar entre andorinhas,
Muito obrigado, meu amor, por me estares amando
E por eu ter que te amar.

— Marcos Konder Reis —
Rio de Janeiro RJ

Em busca de meu retrato amarelo rasgado pela vida

Curta vida de lirismo,
amarelada entre folhas
vedada de real
de lugar perdido
numa falha,
numa falta de tudo,
de tempo a passar.
Grande pesar
desta vida muda
saltitante,
mergulhante numa salmoura
que atravessa o rosto
que mancha e sai
pela saia à fora,
que abafa o mofo das letras.
Curta vida de lirismo
sem vitórias,
sumo de erros,
erro...
erros...
como eu era!
Era uma vez um sonho vago
do tipo do vento.
P a s s o u ...
Era uma vez um cinto,
do tipo DOR (tinha sim!)
Sumiu.
Tremendo soco
numa boca tão, tão vazia.
Tremendossarro de um corpo tão casto.
tremendo gole que vira do avesso
mais uma página...
(mastiga mais essa intriga)
Espreme e solta
esta Maria da Rua decantada,
já cansada de ser,
declarada morta-viva
destemida viajante,
destilada bebida
jogada aí,
logo esquecida passará
de pássaro à pêssego...
cego, macio, seco.

Nádia Timm de Lima
Goiânia — Go

Vida...

Edith Kormann
Blumenau — SC.

Como a tarântula negra,
que se aproxima do verme
onde o terror já medra,
assim é a vida: inerte.

Como a tarântula, tempo
são as terríveis moiras
ao enuclear, lamacento
viver coberto por coiras.

O tempo ceifa bem lento,
escarnecendo da vida,
do viver que é excremento.

E como o verme é nojento
ama a carcaça ferida.
Vermes, devorem o tempo!

Porque chora a humanidade?

Itamar Aguiar
Blumenau — SC

- Natal
- Movimento, pacotes, preços
- Missa, desfile de modas
- Brinquedos, cansaço, whisky
- Cuspir, festa, burguesia, pulgas
- Trabalho, calor, praia
- Papai Noel
- Menino excepcional
- Doentes hospitalizados
- Mendigo sem mendicância
- Responsáveis pela responsabilidade
- Choferes de ônibus
- Homem sozinho
- Lavadeiras
- Guardas
- Olhar na estrada sem fim, na espera
sem esperança
- Vida
- Natal ... JESUS CRISTO nasceu?

QUEM É QUE VÊ MAIS LONGE?

- O pescador enxerga o infinito
horizante.
- O cego enxerga pra dentro de si,
das coisas, da alma, da sutileza
da sensibilidade.
- E você até onde consegue enxergar?

A terra dos meus Irmãos

Luiz — Brusque (SC)

Vi o padre contar o dinheiro na porta da igreja,
o governador esconder os papéis na estante,
a polícia bater na porta,
e não fiz nada.

Vi o doutor tirar o soro do colono velho,
o jornalista apanhar no corredor da loja,
o trabalhador suado no sol,
e não fiz nada.

Eu estava louco prá te abraçar,

América,

e ver a liberdade florir nos canteiros
como florescem as papoulas
nos campos livres do Peru.

Eu estava louco prá te amar,

América,

e sentir o calor de teus filhos
que te fazem bela
e te farão livre um dia.

Há muitas coisas neste mundo

(Para a Bete)

I

Olho em volta e percebo muitos acontecimentos,
diferentes um do outro.

Há infelizes sem pernas ou braços,
Há infelizes sem seus filhos queridos,
Há filhos sem seus pais, perdidos,
Há os que se contorcem de dor
e a morte que demora.

Casas destruídas, vidas destruídas, corações
destruídos.

São os mutilados da guerra .
(Há os donos das ogivas nucleares, das bombas de
Napalm,

dos aviões bombardeiros, dos mísseis atômicos,
de foguetes destruidores teleguiados, dos grandes
couraçados e destroyers.

E eles julgam-se donos da vida dos filhos de sua
própria patria,
e donos da vida daqueles a quem mandarão matar.
São os patrões das indústrias e senhores da sua
vergonha).

Há a mulher que deseja já um filho, mas é estéril
e o marido a abandona.

Há a mulher que ama seu filho, mas é subnutrida,
não pode alimentá-lo
e o pequeno morre de fome e pouco depois ela vai
também.

Há a mocinha na sua linda casa de ouro, que
provoca um aborto. (S.S.)
(Que vergonha ter um filho solteira!..)

Há o pai que sustenta a casa e morre num assalto.

Os delinquentes juvenis com um amargo na boca.
O velho abandonado morrendo de solidão e de frio.
As meretrizes compradas, as que se vendem.
Suicidam-se.

A injeção tóxica, a pilula tóxica, o cigarro tóxico:
a fuga dos problemas, dos complexos, da vida.

Há uns grandes palhaços brincando com suas
armas de morte
e angustiados espectadores tais como estes que
contei.

Há uns grandes palhaços que brincam de
tecnologia

e gente morrendo tais como estes que contei.

Há uns grandes palhaços que falam de paz
e gente atormentada tais como estes que contei.

(E quantas cooperam com eles, por estarem de bra-
ços cruzados).

II

Às vezes aparecem pequenas luzes .

Meu Deus, proteja aqueles que ainda acreditam
na vida,

que denunciam meu comodismo, sentado na frente
da televisão;

que querem abrir meus olhos que já viram tudo,
mas insistem em ficar fechados;
mostram mirra falsidade quando faço uma boa
ação, só para aliviar a consciência.

Querem que eu vá com eles.

Faça com que eles sejam espinhos do bem,
nos brinquedos dos grandes palhaços.

Bl 13 9 77. Ana Maria — FURB

Há muitas coisas neste mundo

(Para a Bete)

I

Olho em volta e percebo muitos acontecimentos, diferentes um do outro.

Há infelizes sem pernas ou braços,
Há infelizes sem seus filhos queridos,
Há filhos sem seus pais, perdidos,
Há os que se contorcem de dor
e a morte que demora.

Casas destruídas, vidas destruídas, corações
destruídos.
São os mutilados da guerra .
(Há os donos das ogivas nucleares, das bombas de
Napalm,

dos aviões bombardeiros, dos mísseis atômicos,
de foguetes destruidores teleguiados, dos grandes
couraçados e destroyers.
E eles julgam-se donos da vida dos filhos de sua
própria pátria,
e donos da vida daqueles a quem mandarão matar.
São os patrões das intrigas e senhores da sua
vergonha).

Há a mulher que deseja já um filho, mas é estéril
e o marido a abandona.
Há a mulher que ama seu filho, mas é subnutrida,
não pode alimentá-lo
e o pequeno morre de fome e pouco depois ela vai
também.

Há a mocinha na sua linda casa de ouro, que
provoa um aborto.
(Que vergonha ter um filho solteira!...)

Há o pai que sustenta a casa e morre num assalto.

Os delinquentes juvenis com um amargo na boca.
O velho abandonado morrendo de solidão e de frio.
As meretrizes compradas, as que se vendem.
Suicidam-se.

A injeção tóxica, a pilula tóxica, o cigarro tóxico:
a fuga dos problemas, dos complexos, da vida.

Há uns grandes palhaços brincando com suas
armas de morte
e angustiados espectadores tais como estes que
contei.

Há uns grandes palhaços que brincam de
tecnologia

e gente morrendo tais como estes que contei.

Há uns grandes palhaços que falam de paz
e gente atormentada tais como estes que contei.

(E quantas cooperam com eles, por estarem de bra-
ços cruzados).

II

Às vezes aparecem pequenas luzes .
Meu Deus: proteja aqueles que ainda acreditam
na vida,
que denunciam meu comodismo, sentado na frente
da televisão;

que querem abrir meus olhos que já viram tudo,
mas insistem em ficar fechados;
mostram minha falsidade quando faço uma boa
ação, só para aliviar a consciência.
Querem que eu vá com eles.

Faça com que eles sejam espinhos do bem,
nos brinquedos dos grandes palhaços.

Bl 13 9 77 Ana Maria — FURB

Emboscada

Artemio Zanon
Urussanga — SC

Chega-me ao ouvido tua
voz vinda do fundo do
armário dessa esperança
que dizes guardada a chaves.

Para saber-se o que há
no outro lado da fronteira
é precisa efetuar
a travessia primeiro.

Não se escolha a temporada
do rigor do frio, das cheias,
e nem se aguarde que os ventos
ergam muralhas nos rios.

Do outro lado pode haver
o tímpano e os demais
elementos; e no estreito
desfiladeiro o vigia.

Cauteloso hei de sondar
tua respiração, teu cheio
apesar de que te aninhes
em ambiente camuflado.

E não passarei por ti
à toa, mas como quem,
tendo encontrado o inimigo,
alerta-o e brada: "Em guarda!"

Em tua vigília constante
não tomarás por surpresa
a minha chegada atenta
nessa armadura e de espada.

Há de importar-nos a luta,
apenas a luta em que
nos digladiamos atentos
nessa diária emboscada.

junho/julho, 1976

A paz horizontal

José Roberto Rodrigues
Blumenau — SC.

Nem trevas nem sons
nem estrelas brilhando
nem aves noturnas
nem nada

(Só eu sob as trevas
cercado de sons que não ouço
e de aves noturnas que não vejo
não sinto nada, nem penso.)

Nesta noite intemporal,
eu, morto e esquecido,
de braços sobre o mundo,
experimento um paz estranha,
por que única e absoluta:
a paz de quem é morto!).

Viagem ao meu interior

Se desperto para um sonho
ou acordo para a vida,
giro num ciclo fechado
de sucessivas transformações
e sequências desordenadas.
Uma tentativa inconsciente
de me desculpar,
associa desarmonicamente meus atos
cansados de sofrência.
Marco passos, adio decisões
e caio novamente na roda viva
que fere, suga, lambe e segue
fugazmente o percurso de meu olhar,
olhar de olhos pretos .
Despertar ou acordar,
hoje é como se eu tivesse chorado
como quem ri muito.
Peso o lamento
e penso desaprender tudo que vivi:
Atrofiando a pulsação do meu ego
que bate forte no espaço encurralado
como o grito jogando na pedra, o eco,
Eliminando minha primeira e inesquecível
dor e as dores reflexivas.
Esquecer o meu soma de massa calculada,
mas isso tudo é tão difícil
como se me pedissem (não me peçam)
para diminuir a velocidade do meu tempo,
zerar a intensidade de meus dias,
retroceder, segurar a respiração
desviando os falsos preconceitos, ou casar.
Meras convenções.
Caminho na embocadura de cada
argumento como defesa.
E como de tudo se deve chegar
à conclusão,
Só o beco sem saída que não chega,
talvez por absurdo estreito ou escuro.
Eu chego em meio revolta e paz,
levanto os braços e digo:
Se desperto para um sonho
acordo todos os dias.

Mariza das Graças
Goiânia — Go

Marasmo

Erguendo-se
Caminhou sobre as areias .
Sentiu
O contato momo e agradável sob os pés,
Um cheiro de marisia,
Um cheiro de paz.

Céu de estrelas marinhas
Céu de terra
Terra de Céu .

Entre sal e vento
Secou as lágrimas.
O corpo dourado de sol
Segue num ritmo lento.

Um jeito de Vênus
Uma vênus contemporânea
Perdida neste colorido mar.

Neste mar de sílabas quentes
Neste mar de Terra
Nesta terra de céu.

Nilma M^a. Gilli
Blumenau — SC.

CRÍTICA

Bandeira do Divino: o mito do coronelismo

Lauro Junkes (UFSC)

Edson Nelson Ubaldo, após participar de obras coletivas, acaba de lançar seu primeiro livro — um conjunto de contos, sob o título BANDEIRA DO DIVINO, através da Editora do Escritor.

Edson Ubaldo nasceu a 10 de dezembro de 1940, em Cerro Negro, distrito de Lages, exatamente a região em que se desenrolam os contos desse volume. Enquanto estudante, já vinha escrevendo regularmente, cabendo-lhe mesmo o prêmio "Araújo Figueiredo" da Academia Catarinense de Letras em 1962. Em 1965 formou-se em Distrito pela UFSC, passando então a exercer a advocacia na região planaltina de Campos Novos, durante dez anos. Desde 1976 vive em São Paulo, onde integra o escritório de advocacia do Prof. Péricles Prade, também escritor catarinense.

Ubaldo participou, em 1974, da antologia poética VOO VETOR, com sete poemas; em 1976 de EM REVISTA-2, com um conto, ambos da Editora do Escritor; e também tem publicado um estudo jurídico. Está preparando para lançar dois romances: AMÊNDOAS AMARGAS e O TERCEIRO MONGE, este último de fundo histórico sobre a Guerra do Contestado.

BANDEIRA DO DIVINO marca uma estréia madura e consciente, sem hesitações estilísticas ou estruturadoras. Ubaldo, de saída, firma-se como um seguro contador de estórias. Não tem pretensões a revolucionar a estruturação de suas narrativas, nem a destacar-se por uso original da linguagem. Pretende, sim, delinear ante o leitor um qua-

dro claro e limpo duma região catarinense, com seus habitantes típicos, seus usos e tradições peculiares. Não que estas ponderações desmereçam os valores literários. Ubaldo sabe escrever, tem consciência do que quer, traz um mundo para revelar e transmitir sem sofisticções, com a mais natural espontaneidade.

Ubaldo define-se desde logo por uma posição nitidamente regionalista. Nas Letras Catarinenses há vários precedentes de posições definidas: Virgílio Várzea, Othon D'Eca e Araújo Figueiredo por exemplo, são escritores intimamente ligados ao mar; Almiro Caldeira de Andrade e Flávio José Cardoso ocupam-se da tradição mítica da Ilha de Santa Catarina; Lausimar Laus (e em parte Ricardo Hoffmann) exploram a colonização germânica do Vale do Itajaí; Marcos Klönder Reis, de uma perspectiva mais ampla, revela seu carinho saudoso pela terra catarinense. Assim também alguns autores se inscrevem dentro do regionalismo típico, ocupando-se das regiões interioranas, rústicas, onde a justiça se faz com as próprias mãos, aproveitando inclusive o linguajar típico. Entre eles destaca-se a figura consagrada de Tito Carvalho, tanto no romance VIDA SALOBRA como nos contos de BULHA D'ARROIO; Enéas Athanázio, em seus dois livros de contos: O PEÃO NEGRO e O AZUL DA MONTANHA, explora a mesma ambiência dos Campos Gerais catarinenses, caracterizando o habitante planaltino típico, com sua força de vontade e espírito decidido, onde imperam o coronelismo e a mache-

za. E agora projeta-se, na mesma linha, esse livro de contos de Edson Ubaldo.

BANDEIRA DO DIVINO compõe-se de 14 contos, precedidos dum ótimo prefácio de Péricles Prade, que situa a ficção dentro da realidade. O conto de Ubaldo prima pela naturalidade com que é narrado. Todos os contos atêm-se estritamente a fatos, cujo desenrolar flui com a mais leve espontaneidade, sem perder-se em divagações ou intromissões dissertativas. A naturalidade da narração, a caracterização viva dos tipos e os próprios rumos do relato prendem o leitor e o introduzem na vivência da ficção que é também realidade. A figura do Major Arlindo, delegado hábil e plenipotenciário impõe-se de forma inesquecível. A caracterização de Cerro Negro e da macheza de seus habitantes torna-se nítida e forte durante as narrativas, sem haver necessidade de muita descrição específica.

Em alguns contos o dramático e o trágico são constantes: em "Ao Pé da Letra", o irio cumprimento da ordem do patrão, em "Uma Questão de Justiça", o senso de justiça atenua-se o oportunismo político; em "O Coringa" impõe-se a tensão crescente, o irio avança da situação e o inesperado da solução; "A Filha do Coronel" é talvez o mais trágico, na crueza da vingança e das mortes. Nesses contos, para a justiça não existe lei e sim a própria vontade, impondo-se o coronelismo do fazendeiro.

No entanto, a maior parte dos contos é estruturada com sutil habilidade, de forma a conduzir o fio dramático a desfazer-se por inesperado

desfecho cômico. O fino humor não destrói o dramático, mas ironiza ou mesmo satiriza a situação. Assim, "A Goiteira" proporciona ao acanhado Bentinho oportunidade inesperada para um golpe de baú, humilhando-se mas botando "preço no estrago"; "Baile de Mei-Canha" retrata a ingénua vingança dos namorados; "Bandeira do Divino" é todo cheio de segundas intenções em relação ao rezador Firmino; "O Mágico" viu sua magia ironicamente desfeita pelo Major-delegado; "O Voluntário" desfaz, por mal-entendido, a valentia de João Elói; "O Petição Castelhana" retrada o inesperado nas corridas de cavalo; "Cachaça com Rapadura" destaca a lição imposta em boa hora ao falso valentão João Maria.

E como não podia deixar de acontecer nesse ambiente inculto, o conto "A Estranha Missão de Frei Bernardo" alude às crenças supersticiosas do povo em aparições. É o conto mais extenso, porém sem nada perder de sua densidade e tensão dramática.

Os contos de BANDEIRA DO DIVINO merecem ser lidos e o leitor que deles se aproximar será irresistivelmente levado até o final do livro. São contos densos em seus desenrolar espontâneo, reproduzindo com desconcertante naturalidade a vivência típica da região dos Campos de Lages, especificamente de Cerro Negro. A linguagem é também natural, sem rebuscamentos e sem exagerar o recurso ao dialeto regionalista. Esperamos que Ubaldo continue a explorar o veio mítico catarinense com a mesma garra que demonstra nessa sua estréia.



Flamingo

CAMA — MESA — BANHO — MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS

OPINIÃO

Por uma literatura sem classes

Oldemar Olsen Jr. da Associação Catarinense de Escritores para o elemento que ocupa a cadeira nº. 2 na Academia Catarinense de Letras em resposta a crítica feita ao Jornal O Acadêmico (agosto) no JSC do dia 02.12.77

A GUIA DE INTRODUÇÃO

Um general norte-americano, despi-do de seu traje militar, visitava uma Base aérea... Longe da farda, o general parecia uma pessoa comum, um civil. ... Dois soldados caminhavam em sua direção... Ao se aproximarem, o veterano apressou-se em bater continência ao velho general... Andando mais alguns passos, o mesmo veterano disse ao novel despreocupado:

— Por que não bateste continência ao general?

— Como?, respondeu o outro, então ele era militar... E saiu em louca disparada, contornou uma enorme praça e postou-se a frente do antigo comandante e bateu, por sua vez, a continência, ao que se sucedeu uma infinidade de excusas pela gafe recém cometida...

O General com sua calma, adquirida nos longos anos de caserna, acrescentou:

— Jamais caia na asneira de cometer a mesma tolice com um sargento.

ALGUMAS EXPLICAÇÕES

Em nosso genótipo insito jamais concebemos a tumbice quilofágica de, sandicamente, em vesânia perene regor-gitar a manivérsia insone daqueles que insinuam serem os feudais senhores, oligárquicos donos da verdade.

Em sua bioquice caótica confunde nossa ingenuidade pueril com sua senectude patológica, ignora a etnodicéia milenar e natural que herdamos por convicções para, inocuamente, tentar impingir sua sardinha grosseiramente alimentada em Itajaí e adjacências...

Malgrado a dedicatória do feudo, inflamado de interesse e destituído de honestidade em sua ortobiose na insua; ignoras também que o debate na tribuna era gratuito e foste conduzido de graça ao ismo da beociosidade ao enumerar falhas que até ao mais infortunado dos analfabetos era dado, malgrado o senso comum ser pouco comum, percebê-las...

Eu sei que não podemos utilizar o valor expressivo das cores em nossa tipografia, tão pouco, o equilíbrio plástico dos volumes na estética empírica dessas malfadadas folhas de jornal mas, uma realização estética definida, consequente de uma manifestação concreta de intenções criadoras, de aplicações conscientes para justificar o valor latente da poesia ou a concatenação simplória das idéias; pretenciosas, egocêntricas, mas transformativas.

Aos esquizóides, é dado por conveniência, a oportunidade de optar entre um frenocômio ou um gerocômio, para os entendidos são instituições paralelas e semelhantes, equivalentes diriam os matemáticos... E para os essênios, na-

da como servir um lauto ágape e indagar se crêem na existência de um cozinheiro.

POUPANDO TRABALHO

TUMBICE — o mesmo que infelicidade. QUILLOFAGIA — vício de morder os lábios.

MANIVERSIA — patifaria.

BIOQUICE — vida equânime.

ESQUIZÓIDE — anormal.

GEROCOMIO — asilo.

ESÊNIO — asceta.

COZINHEIRO — elemento que faz os outros comerem aquilo que ele faz.

EU — elemento que não gosta de engolir aquilo que não gosta.

COINCIDENCIAS CURIOSAS

... Estive passando o fim de semana na capital, não pude deixar de ignorar os jornais que saíram naqueles dias, pudera, com aquele sol, nada mais justo. Quando cheguei em Blumenau, deparei com um exemplar do JSC em minha mesa, também estava aberto em uma página com uma de suas colunas circundadas com tinta vermelha e uma seta apontando um círculo onde estava escrito: "Olha só o que o Buzz, Buzz... escreveu... Um abraço Schmidt".

Li diversas vezes a matéria, gostei muito daquela parte: "Mas de tudo sobre uma certeza: jornal literário mesmo só existe "O Acadêmico", que publica entrevistas bem feitas como a do seu número de agosto... "Vossa Senhoria talvez não saiba, mas disse uma grande verdade; mesmo porque não existe outro jornal literário no estado, ou existe? Sr. Acadêmico da cadeira nº. 2.

Você afirmou em sua inaproveitável crítica que não sabia quem havia deixado sobre sua mesa um exemplar de "O Acadêmico"; ora, tens que tomar mais cuidado ao sair do escritório e trancar bem a porta, pois, podem abrir uma subsidiária nossa aí e você será o último a saber...

Eu juro que não pretendia responder aquilo, mas como não consegui conciliar o sono e conjugar aquela falta de concordância com os braços de morte tive por uma questão de consciência, dizer que as coisas não eram bem assim..

Pensei inicialmente em argumentar em solenes versos alexandrinos, já estava até imaginando a rima (riquíssima) entre Acadêmico com anêmico... Memórias de um menino pobre com auto comisseração tempestuosa, (essa não rimou) mas eu daria um jeito de dar um jeito... Depois, imaginei que a poesia para um prosador não teria lá muito sentido, porque o primeiro labuta, segundo a orelha do livro, em fatos reais e eu, pobre menino poeta sem história e sem memória que passo o meu dia pensando em números e tentando rimar o meu existencialismo com o meu curso de engenharia... Ah! ia esquecendo-me

(veja a próclise, que tal; espere, é uma enclise... Claro, o pronome depois do verbo é enclise) como sou distraído... Com a avalanche dos modernistas é pouco provável que haja algum poeta aí na Academia que saiba o que seja verso alexandrino, mas não se acanhe, o Pisani ou o C. Ronald podem explicar... Pergunte, quem tem boca vai a Roma... Olha aí um adágio hiper-vulgar (esqueci que não se usa hífen com a palavra hiper, a menos que a seguinte comece com I ou R) tu vês, não se fazem mais Rui Barbosas como antigamente... (é correta a arteposição da pertícula SE antes do NÃO) se não fazem, pelo menos se não entregam o ouro para los para-guajos.

OUTROS DETALHES

Sei que ocupas com os teus fundos a cadeira nº. 2, muitos poderiam ocupá-la... Todavia, preferimos as gerais, não numeradas e, de onde podemos observar todos áqueles que penetram ou são introduzidos no circo. O papel do nosso jornal consiste em mostrar as doenças e não em diagnosticar ou sugerir a profilaxia das mesmas e para citar o mesmo nome, com muita justiça (consulte o Dr. Holdemar de Menezes que ele explica).

Como autor da malfadada entrevista, motivo maior daquele, quase um quarto de página no JSC do dia 2 do corrente, tentei justificar, tentei buscar uma explicação por aquela ausência de empatia em compreender nossa frustrada tentativa de realizar algo menos explorado ao entrevista intelectuais e por suas idéias na íntegra sobre o papel... Dizer que houve falta de concordância verbal, oh! quanta sapiência... Na frase: "Outros vieram que trouxeram movimentos literários VIERAM com TROUXERAM isso é chamado de eco dentro da gramática, mas e daí... Se com a nossa entrevista "edificante" conseguimos tirá-lo da modorra acadêmica para uma agressividade ridícula... Por outro lado, sua crítica não acrescentou nada a cultura catarinense, apenas fez com que a oposição viesse até a redação (olha o eco, como sou imbecil, meu Deus!) e procurassem nosso jornal de agosto... Podes ficar com nosso relações-públicas aí em Florianópolis, se quiseres é evidente.

DEIXANDO A EMPAFIA DE LADO

A sua crítica é infinitamente insignificante (um monte de parágrafos intercalados com uma porção de reticências) e com tanta annésia que me fez lembrar a conclusão daquela engraçadíssima piada enunciada acima: "Quanto menor o indivíduo, maior a sua arrogância", ou ainda "As pequenas glórias produzem os grandes hipócritas" ou a última, precisamos enumerar as nossas cadeiras para termos maior reconhecimento.

O ESTADO

TYTO LIVI



Um cantor e compositor do Oeste está fazendo sucesso no Estado. Seu nome: TYTO LIVI. No lançamento de seu primeiro disco ele dá uma amostra do que pretende fazer neste campo de atividade cultural. Seu compacto duplo "Memórias de Um Certo Louco" é o primeiro de uma longa série. (POR MARCOS BEDIN)

CHAPECÓ (Sucursal) — Desde o início deste mês, as emissoras de rádio da Capital e de várias cidades do Estado estão rodando o disco "Memórias de Um Certo Louco," do cantor e compositor oestino, Tyto Livi.

Com quatro músicas (o mundo não perdoa, rock 700, viva o presente e as memórias de um certo louco. Esta empresta o nome ao disco) o compacto duplo promete fazer muito sucesso em Santa Catarina. Isso porque, além do bom humor das composições e sua fácil e agradável assimilação para o ouvinte, as músicas caracterizam, por si só, o jovem cantor.

Extrovertido, muito jovial e com muitos planos, Tyto Livi não pretende parar em sua primeira gravação. Com vinte e três músicas compostas, ele já anuncia que, dependendo do sucesso financeiro de sua primeira experiência musical, gravará um LP.

Conhecido no Oeste onde se apresentou em vários festivais de canção, Tyto Livi, além de enriquecer a contextura cultural catarinense, dá novas feições à música popular: uma boa dose de humor, espontaneidade e uma indistigável peculiaridade artística.

Se fôssemos compará-lo à outros cantores, poderíamos, quem sabe, assemelhá-lo à Raul Seixas. As pitadas de ironias de suas músicas (muitas ainda não gravadas) e o humor mesclado de algum ressentimento do mundo também se fazem presentes em algumas composições. Em síntese, os traços marcantes de sua personalidade artística são as espontaneidade e a inovação.

Com 21 anos, solteiro, acadêmico de Direito da UFSC, canta desde 1972, quando comprou o primeiro violão. De lá para cá, tem usado o cavaquinho e a guitarra, alternativamente, em suas apresentações. No meio estudantil chapecoense ficou conhecido em 1974 quando participou de vários shows culturais interpretando músicas de sua autoria, em bem humoradas alegorias à vida do estudante, suas queixas, seus anseios, sua vida. Conquistou um público razoável e conseguiu, por repetidas vezes, encher as casas de espetáculo onde se apresentou, sempre amadoristicamente. Sua profissionalização dá-se agora com o lançamento de seu primeiro disco.

Tyto Livi não suporta o plágio e o classifica como o mais abominável crime cultural. "Para mim — o mais importante é a produção de músicas próprias. Também tem uma crítica para os festivais estudantis de música popular, à níveis universitários e secundários: "Eles não deveriam aceitar músicas de outros compositores, mas sim estimular a composição de letras inéditas". E justifica: "Assim impediremos a repetição de tradicionais composições, sem nenhum benefício, enriquecimento ou crescimento da música popular brasileira".

Conheci pessoalmente Tyto Livi quando fui fazer a cobertura de um festival da canção popular, na cidade de Xanxerê. Desconstruí a platéia quando subiu ao palco munido de um guarda-chuva, explicando-se: "É para me defender das críticas".

Dialogar com o cantor, penetrar em seu mundo e compartilhar de suas pretensões, não é tarefa difícil. Valendo-se muito de metáforas e parábolas não raramente, ele fala de si, da música e da cultura em geral com muita desenvoltura, mostrando, não amiúde, alguma ingenuidade com o mundo que o cerca. É, enfim, um artista com seu mundo próprio.

O DISCO

Embora não revelasse o número de cópias de seu disco, Tyto Livi gravou-o na Stereo Son de Florianópolis e foram impressas as cópias em São Paulo, pela RCA Victor.

Sabe-se que o empresário Zezé Moreira, de Curitiba, deseja contratar Livi e apresentá-lo em programas próprios mantidos em emissoras de televisão da Capital paranaense.



FAÇA SUA CASA SORRIR
COMPRANDO NO PROBST



scriba



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS
PELOS ORIGINAIS.

Centro Cópias Ltda.

Cópias Heliográficas — Xerox — Plastificações
de documentos em geral

Rua Floriano Peixoto, 89
LOJA 3 — Fone: 22-3215

BLUMENAU

SANTA CATARINA

O teatro em Mato Grosso no século XVIII

A Universidade Federal de Mato Grosso, em convênio com a SUDAM, acaba de publicar o trabalho do pesquisador Carlos Francisco Moura intitulado o **TEATRO EM MATO GROSSO NO SÉCULO XVIII**.

Partindo de uma notícia de representações teatrais em Cáceres em 1842, o autor aprofundou a pesquisa e chegou à conclusão de que Mato Grosso foi a capitania que, documentadamente, registrou maior número de representações teatrais no século XVIII no Brasil.

Muito mais do que todas as outras capitanias reunidas, na mesma época.

O teatro em Mato Grosso é documentado quase desde a elevação do arraial de Cuiabá a Vila, muito antes da criação da Capitania.

Por que essa precocidade e essa pletera de teatro em Mato Grosso, quando em outras capitanias mais antigas e mais povoadas o teatro setecentista não tinha aceitação?

Quem trouxe o teatro para Mato Grosso — os bandeirantes ou os emboabas?

Duas culturas, duas épocas, em confronto: Sertanistas versus cidadãos. O século XVIII e a civilização predominantemente urbana em Mato Grosso.

O primeiro texto de crítica

teatral no Brasil é matogrossense (século XVIII).

Os sucessos mais recentes em Lisboa, são representados logo a seguir em Mato Grosso.

O autor surpreende e documenta, em pleno Atlântico, o teatro sendo transportado diretamente de Lisboa para Mato Grosso.

O Governador Luis de Albuquerque, a Idade de Ouro da capitania e o teatro.

Peças representada sem Mato Grosso no século XVIII.

Quem estuda história do teatro no Brasil, verifica que praticamente inexistente bibliografia específica sobre o século XVII.

O trabalho publicado vem preencher essa lacuna e, ao mesmo tempo, recolocar Mato Grosso na posição de destaque que teve na história de Teatro no Brasil.

Prosseguindo na sua pesquisa, o autor anuncia a publicação dos textos que foram representados no século XVIII em Mato Grosso.

Essa iniciativa, e mais a criação do Teatro Universitário representam uma volta às origens e o reatamento de uma das mais vigorosas tradições culturais matogrossenses.

É uma contribuição significativa da UFMT para o estudo da cultura brasileira no século XVII

Pechinchar, o que?

Dianar M. Branquinho

Domingo passado, em um dos raros momentos que assisto a "Fábrica de Loucos", como diz o Roberto Saut, referindo-se a televisão, entre outras baboseiras assisti uma propaganda, da propaganda, que pregava a pechincha. Era um tal de "nego" pegar nabo, rabanete, repolho, couve, etc... e uns feirantes a discutir que dava gosto.

Após um breve discurso, que todos ouviram em ordem de disciplina, tão comum nos tempos atuais, saíram em sinal de protesto, muito incomum (dá até cadeia atualmente) porém a reação fez com que as hortaliças tivessem seus preços reduzidos.

Decidi, naquele momento, que iria aderir a companhia da PECHINCHA, iria dar valor a cada centavo (moeda cujo metal vale mais que seu valor) que eu ganhasse.

Segunda-feira bem cedinho decidi ir a padaria, assim ajudaria minha esposa, o governo e o meu bolso, naturalmente. Pedi 10 pães, 2 litros de leite, um pacote de margarina, 1/2 Kg de café, até aí tudo bem, na hora de pagar, comecei a pechinchar. Que fora, o balconista amigo meu, me disse boquiaberto: "pô Branco, tu não vê" que o preço é tabelado pela SUNAB". O mundo me caiu na cabeça, que vergonha, paguei tudo e saí bem quieto. Mas não me dei por

vencido, após o café, embarquei no meu PASSAT, cujo preço é tabelado pelo CIP e fui abastecê-lo no posto da multinacional ESSO que vendia gasolina importada dos Arabes, mandei encher o tanque e quando o solicito bombeiro, que recebe pouco mais que o salário mínimo, me apresentou a conta, comecei a pechinchar, ele não me respondeu nada, apenas chamou o gerente que veio dizendo, "Cavalheiro a gasolina é tabelada pelo CNP".

Droga, o resto do dia foi a mesma frustração. No Supermercado, não me reduziram um centavo da compra de R\$ 630,00 sob a alegação que seus preços estavam tabelados pela SUNAB, no bar também não; cheguei na Universidade fui pechinchar e recebi em resposta que as anuidades eram tabeladas pelo CIP e CFE, tentei pechinchar com a CELESC, com o SAMAE, a LEQUIGÁS, com o IR, com o IP, TRU, Seguro, médico, Farmácia, transporte urbano e interurbano, e sempre a mesma resposta, tudo era tabelado por alguma entidade, assim cheguei a conclusão que devo pechinchar apenas na feira-livre, lá talvez consigo convencer o humilde lavrador com minha convincente (?) conversa, e ganhar uns centavos no preço das hortaliças.

Droga, já ia me esquecendo, não gosto de verduras.

O ACADEMICO CIRCULA EM TODAS AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS



ELETRO MÉDICA S. A.

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TÉCNICO E ESMERADO ACABAMENTO. LINHA COMPLETA DE MÓVEIS HOSPITALARES, PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERAÇÃO.

Rua Iguacu, 89 - Tel.: 22-4099 - 22-1868 - 22-4956 - C.P. 488 - 89.100

BLUMENAU

SANTA CATARINA

A única imortal

(OU QUANTO PESA UM FARDÃO DE IMORTAL?)

Na verade todos têm razão. Bernard Shaw tinha razão. Jimi Henorix tinha razão. Luiz Carlos Maciel tem razão. Eu tenho razão. Tudo já foi lançado. Tudo já foi traçado. Tudo já foi resolvido. Chega de papo, discussão, palavras, enfoques, argumentos. O que foi escrito, está escrito. O que foi dito, está dito. Ouvir é bom. Ler também é bom. Mas a realidade aí está. Concreta, completa, pronta.

Rachel de Queiroz, é preciso ouvir o Jimi Hendrix. É preciso ouvi-lo sempre. De meio dia. De noite. Em qualquer lugar. Trazê-lo a tiracolo. Diariamente. Ininterruptamente. "DO WHAT YOU KNOW, DON'T BE SLOW".

Você e mulher Rachel. E agora, por cima, é imortal. É estranho, mas você conseguiu, através do voto, (coitado) a imortalidade. Imortalidade que tanto perseguimos, sem todavia, logarmos alcançá-la. Sei que aos imortais são dados alguns favores, muitos privilégios. O chá das quintas. O fardão dos imortais. E quando se é mulher e única, privilégios e favores tendem a crescer.

Mesmo na Academia, no O-

limpo, não convém esquecer o Jimi. "YOU GOTTA PRACTICE WHAT YOU PREACH. IT'S TIME FOR YOU TO FACE REALITY". Reality, Rachel. A realidade, Rachel. É preciso esquecer a teoria. Não há alternativa. A prática é que importa. E muito. E demais. Arregaçar as mangas. Descruzar os braços. Esquecer o solene, pesado e imortal fardão das quintas de chá e versos e pôr em prática o que você prega.

O que você prega? A ação? A inação? Você está na alça de mira das mulheres brasileiras. Todos os olhos femininos, por este Brasil gigante, estão grudados em você constantemente, friamente, vinte e quatro horas diárias, cobrando, vistoriando, vigiando. Vigilantes, policiais, registrando em conta corrente e teu dinamismo imortal.

A ação é dura, eu sei — O dinamismo quebra o corpo, eu sei. Elas também sabem. Por isso vigiam você vinte e quatro horas por dia. Você abriu uma porta. Estreita. Pequena. É mais uma porta. É mais uma porta aberta. Estreita, mas aberta. Elas que-rem-na aberta. Precisam dela

bem aberta. De preferência, bem escancarada. Buscam atravessá-la, sentar na tua cadeira, tomar o teu chá, vestir o teu fardão cheirando a imortalidade, estar contigo nas quintas.

Nélida, Clarice, Lígia Fagundes, Marina Colassanti, a literatura feminina mais expressiva do atual momento literário brasileiro; as cocotas, o show-business feminino, as roqueiras, o women-lib, os nus artísticos de Status, Lui, Ele e Ela, Psu, Homem e congêneres, prostitutas, bóias frias, domésticas, lésbicas, o gay power feminino, doutoras, advogadas, secretárias, massagistas, artistas de TV, de teatro, de pornochanchadas, e todo esse mundaréu de saia fervilhando por este Brasil inteiro estão à espera da parte que lhes cabe.

Veja, Rachel, a missão é árdua, espinhosa, requer muito trabalho e a seara é grande, imensa descomunal além de heterogênea.

A realidade é a tua ressurreição. E a delas também. Na tua verdade está a verdade delas. Não a que elas já tem, mas a que elas ainda buscam. A tua ação é também a

tua renovação. Por conseguinte, a tua ação é a renovação que elas pretendem.

A tua verdade é o teu mistério. E render-se às evidências, acordar para o mistério — isto é, em outras palavras, regenerar — gerar de novo — o corpo para torná-lo capaz de sentir a realidade, não parte dela, mas toda a realidade, e mais, viver, experimentar o que chamam de verdade.

E a verdade, Rachel, está em você, desde o momento em que foi corhecida nacionalmente como a mais nova imortal da língua e letras brasileiras. Em você as mulheres vislumbram a possibilidade rara de alcançar o orgasmo desta verdade tão necessária quanto escassa e distante. embora alcançada, uma vez, por alguém, ela se torne mais próxima das demais pretendentes.

Em você, as filhas de Eva contemplam, com receio de que se tranque logo, mais uma via possível para promoção delas e auto-realização.

Por fim, Rachel, a tua imortalidade preenche a possibilidade de uma realidade diferente para todas elas.

José Endoença Martins.

Monólogo perdido no sertão

(Nilto Maciel)

Antes de ler "Chuva Branca", de Jacob Maciel, um dos e quicá um dos momentos mais significativos da literatura maiores romances da tragédia do "homo amazonensis" e quicá um dos momentos mais significativos da literatura americana, disse-me Adriano Aragão, este outro bom mas diferente daquele escritor amazonense, que pensava sobre Jacob a pecha de copiadador de Guimarães Rosa. É comum receberem os escritores de província acusações deste teor, mesmo quando conseguem apenas se parecer com os monstros sagrados da literatura, de tal firma que, se outra fosse a situação, diriam: "Vejam como Guimarães Rosa copiou Jacob Maciel!"

Agora li "O Rio da Noite Verde", um romance diferente dos que se escrevem no Nordeste. E, como gosto de fazer paralelismos, volto ao livro do escritor do Norte: "Chuva Branca" é o monólogo interior de um homem perdido na selva amazônica, misturando, na sua doideira de homem-virando-bicho, passado, presente e futuro; "O Rio da Noite Verde" é o monólogo interior de um jovem também perdido, mas agora em si mesmo, porque vagando dentro das recordações, do smedos, perseguido pelos fantasmas que o ameaçam de coação, fantasmas incestuosos, malignos, perdido não no meio da selva mas num ponto, num porto-seguro do deserto, do sertão — a casa de seus tios —, ele que sempre fôra homem-bicho, descobindo, através das confissões do padre (o cristianismo é tão avesso ao nordestino, quanto ao índio,

porque o nordestino é, antes de tudo, o sucessor do antigo dono deste deserto que antes foi floresta) que "quem tiver coito com animal, será morto", como diz o Êxodo.

Dirão, talvez, que "O Rio da Noite Verde" é uma cópia de tal ou qual romance. Que digam e façam escavações mentais ou lupinas para "incriminar" os pobres cordeiros das províncias. Tudo em vão, porque, felizmente, um dia homens de brio descobrirão todos os Oliveiras Paivas que morram longe das academias e das colunas sociais da literatura.

A única edição do livro já está esgotada e, antes estivesse, porque é um crime, que deveria ser punido com uma 2ª. edição por conta do editor, publicar um livro onde se cometem tantos erros gráficos. Está a merecer uma segunda edição (que deveremos chamar de primeira), porque romances como este de Eulício Farias não podem ficar desconhecidos do público e até devem ser adotados nas escolas. Do contrário, as autoridades educacionais estarão cometendo outro grande crime — o de impedirem que a literatura brasileira da melhor qualidade seja conhecida de nossos jovens.

Mas eu já soube que a Fundação José Augusto, de Natal, vai tirar uma 2ª. (diremos 1ª.) edição de "O Rio da Noite Verde". É um dever.

Antes que isto aconteça, anotem: não tardará o dia em que Eulício Farias será um escritor lido e relido em todo o Brasil e até publicado no exterior, como Jorge Amado (quem duvida?) e, principalmente, adotado nas escolas.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
Rua Monte Alegre, 1434
05.014 — São Paulo — (SP)

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.
Rua Itamonte, 50
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

LIVROS RECOMENDADOS

MILAGRE NA CELA: — Jorge Andrade

O teatro brasileiro atual só tem chegado ao público através de leitura, pois o que está sendo encenado é um teatro coagido e reprimido, filtrado em traduções e, quando textos nacionais, escapistas e zimbêmicos, que não cumprem a missão do teatro: refletir a realidade presente, oferecendo ao espectador um espelho onde ele possa compreender o mundo que o circunda e conhecer melhor a si mesmo. É este livro de Jorge de Andrade o escolhido para iniciar a coleção Teatro, que esta editora se propôs, justamente porque realiza essa tarefa. O leitor — ou o espectador, se quando a peça puder ser encenada — é envolvido numa atmosfera plena de pathos, sendo levado a meditar sobre um fenômeno que dia a dia se torna mais ameaçador.

Milagre na cela é uma peça perturbadora, ao mostrar, por um ângulo completamente inusitado, como esse fenômeno pode atingir a nós todos.

Da peça está excluído todo e qualquer maniqueísmo. Não existe um vilão e uma vítima, mas duas forças que se contrapõem e que, inclusive, trocam de posição — o torturador, em determinada fase do processo, passa a torturado, vítima de sua própria arma, enquanto a vítima atravessa a tortura e dela sai um ser humano consciente lúcido; transformando-se, de vencida a vencedora.

Milagre na Cella é construída de tal forma que sua atuação dramática segue num crescendo, até atingir um estado de tensão assustante. É o verdadeiro milagre realizar-se-á na mente de cada leitor — ou espectador — que receber o recado transmitido pela peça. (Decio Drummond)

A DOMINAÇÃO OCIDENTAL NA ASIA — K. M. PANIKKAR

Pela primeira vez um historiador asiático conta sem reservas toda a história da opressão e do colonialismo exercidos na Ásia pelas grandes potências.

E somente ele poderia fazer — como fez — um estudo profundo do que foi a dominação no Oriente durante quatro séculos de agressão apoiada nos canhões.

Este livro é um documento precioso — e cruel como todas as verdades inesperadas. — Editora Paz e Terra —

OS MEDICOS NA CIDADE DE SÃO PAULO: — Marie — Chislaine Stoffels

É um estudo sociológico a bordando a mendicância na cidade de São Paulo. Ao estudar, nos quadros acadêmicos da Universidade de São Paulo, a vida dos mendigos da metrópole, a autora venceu várias barreiras: desde o estigma que o circunscrevera a categoria dos pedintes, o preconceito e a repressão policiais, até a própria resistência dos estigmatizados, treinados na rua, na escola do medo e do engodo. O trabalho de pesquisa envolveu ativa participação na existência cotidiana dos mendigos, dispendo-se a autora a praticar penosa e ariscada metodologia.

Ao seu emprego pessoal o simpatia emotiva somou-se a ascese acadêmica expressa no tratamento sistemático do tema e limpidez no manejo dos conceitos. O resultado foi brilhante. O livro simplesmente nos ensina como se desenvolve a vida dos mendigos: de que modo se apropriam dos "pontos" no espaço urbano e neles se defendem; quais seus recursos e truques; de que maneira se ocultam, lutam entre si e formam alianças. Aprende-se qual o serviço prestado pelo mendigo que consegue, através dos refinados meandros de suas técnicas de pedir, impor a oportunidade do gesto generoso por parte do "outro". Vêmo-los surrados, bêbados, maltrapalhos, mas também espertos, sonhadores e utópicos. (Candido P. F. Camargo) Editora Paz e Terra

O PIROTÉCNICO ZACARIAS

Murilo Rubião

4ª. edição

Coleção Nosso Tempo

64 páginas Cr\$ 20,00

A carreira desse livro vem sendo realmente incrível.

O Autor, até o lançamento dessa edição da Ática, era praticamente desconhecido grande público. A primeira edição, em fins de 1914, de 30.000 exemplares, esgotou-se em menos de um ano. Edições sucessivas, antes dessa 4ª., a que estamos anunciando, atingiram o total de ...

50.000 livros, vendidos em pouco mais de dois anos.

Quem conhece a nossa realidade editorial, sabe bem o que isso significa: pouquíssimos autores brasileiros já tiveram tal volume de vendas no mesmo espaço de tempo.

Isso não se deveu ao acaso. Toda a imprensa, de norte a sul do país, através dos mais renomados críticos, destacou a importância do lançamento. O que contribuiu decisivamente para consagrar, ainda que tardiamente, esse precursor da literatura fantástica no Brasil.

Vejamos alguns trechos dessas críticas:

"A magia incansavelmente reelaborada de um mestre, Murilo Rubião, que há muitos anos vem sendo silenciosamente respeitado e admirado por um grupo de iniciados" (Gilberto Mansur, SATUS, nº. 5).

"São contos de mestre no gênero todos os que se encontram reunidos neste pequeno e gratificante bem cuidado O PIROTÉCNICO ZACARIAS" (Almeida Fisher, TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro).

"Temos, portanto, em Murilo Rubião, o representante originalíssimo de uma linha de ficção muito pouco explorada na literatura brasileira" (Eliane Zagury, A PALAVRA E OS ECOS, Ed. Vozes).

"Um livro pequeno e denso, com oito histórias que podem ser lidas até pelas crianças — idêntica singeleza as irmãs. Os adultos encorajarão muito mais" (José Márcio Penido, VEJA, nº. 325).

Seria ocupar muito espaço continuar com esta série de citações elogiosas. Registre-se apenas que nomes como Alfredo Bosi, Flávio Aguiar, Antonio Hohlfeldt, Nelly Novaes Coelho, Marcio José Lauria e muitos outros deram seu testemunho sobre a importância e qualidade desses contos.

Devemos lembrar ainda que a REVISTA VEJA (nº 330) relacionou O PIROTÉCNICO ZACARIAS como um dos dez melhores lançamentos do ano, e que a obra de Murilo Rubião é hoje objeto de teses universitárias em diversas Faculdades de Letras do país. Editora Ática S.A.

SIMULACROS

de Sérgio Sant'Anna

É o mais recente e ambicioso romance do jovem autor. Um psicanalista trata com exclusividade de um grupo formado por quatro pessoas: O

Jovem Promissor, Vedetinha, o Velho Canastrão e a Prima Dona. São todos submetidos a "experimentos de grupo" muito avançados... Os personagens representam conflitos básicos do mundo em que vivemos: em um clima de crescendo emocional chega-se ao fim chocante e explosivo. Ed. Civilização Brasileira 224 pgs. Cr\$ 85,00

PSICANÁLISE DA CIRCUNCISÃO

de Moisés Tractenberg

Psicanalista de grande reputação no Brasil e no exterior, o autor, há quinze anos, estuda, exaustivamente o problema das mutilações genitais e da circuncisão, seja religiosa ou pseudo-profilática. Este livro, resultado de suas investigações e vivências, é um brado de alerta contra a traumatizante prática da circuncisão de recém-nascidos, ora difundida também entre não judeus. O livro contém, ainda, um debate epistolar entre o escritor o líder judaico David Ben Gurion. Ed. Civilização Brasileira 280 pgs. Cr\$ 120,00

O PAI SELVAGEM

de Pier Paolo Pasolini

Este livro narra uma história passada na África negra, onde o jovem filho de um chefe tribal entra para a escola européia da capital. Nas férias, ao voltar para seu povo, choca-se com o pai primitivo e sanguinário, num confronto violento entre civilização e barbárie, razão e instinto. A linguagem do mundialmente famoso poeta e cineasta é plástica e colorida e com ela faz o retrato lírico e autêntico de um problema vivo, palpante e atual.

Ed. Civilização Brasileira

64 pgs. Cr\$ 50,00

BAGAÇO DE BEIRA-ESTRADA

de Mário Lago

O segundo livro de memórias deste ator e compositor terá certamente o mesmo êxito de NA ROLANÇA DO TEMPO, o primeiro volume, que já vendeu vinte mil exemplares. Trata sobretudo da experiência do autor na Rádio Nacional, um dos mais eficientes veículos de comunicação de massas que houve neste país. Há também, devidamente documentado, o registro da invasão da censura, das demissões e das delações que, a partir de 1964, fariam a Rádio entrar em fase de decadência.

Ed. Civilização Brasileira 240 pgs. Cr\$ 100,00

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBRRAL

EDUCAÇÃO

Relação entre a forma de apresentação da mensagem e sua aceitação

Experiências diversas em diversos locais demonstram que existe uma constante relação entre a aceitação de uma mensagem e a forma pela qual essa mensagem é transmitida.

Conforme constatação do Dr. Wilke dos Estados Unidos nota-se entre pessoas de nível médio e inferior, a apresentação oral facultava retenção melhor, e por mais tempo, do que a apresentação escrita isolada.

Sua experiência clássica foi feita com três grupos de estudantes universitários, interessados por múltiplos assuntos relativos a Religião, Economia, Controle da Natalidade e Guerra. O mesmo material de exposição foi apresentado a cada um dos três grupos sob diferentes formas:

1º. GRUPO: A comunicação foi feita em pessoa por um coordenador-conferencista.

2º. GRUPO: A comunicação foi feita através de um aparelho gravador onde o mesmo coordenador-conferencista prava sua palestra.

3º. GRUPO: A Comunicação foi feita por escrito.

Os resultados revelaram os seguintes graus de eficiência na modificação ou na influência sobre as opiniões dos universitários:

EFICIÊNCIA MÁXIMA: Apresentação pessoal do conferencista.

EFICIÊNCIA MÉDIA: Gravação da conferência.

EFICIÊNCIA MINIMA: Apresentação escrita da conferência.

Esta experiência foi repetida por outros estudiosos como Allport, Knower e Cantrill e o resultado teve idênticas conclusões.

Com os dados acima notamos a importância de utilizarmos estas formas de comunicação descritas anteriormente.

Desta forma, a **EFICIÊNCIA IDEAL** seria a apresentação pessoal do conferencista, abordando o tema em pauta, ainda há a necessidade da gravação da mensagem em fitas K7, e finalmente para complementar o receptor da comunicação teria a mensagem escrita.

Existem certas pessoas retrógradas, que ainda vivem no passado, e não acreditam nos modernos recursos audiovisuais.

Afirmam, até mesmo em público, que filmes, slides e outros recursos audiovisuais não tem valia alguma e não representam a vida real do mundo dos negócios ou atividades cotidianas.

Lembramos o que Bacon já afirmava que existem pessoas que "atiram tudo à confusão, e afundam a humanidade em vãs e falazes controvérsias sem fim".

Vale a pena ressaltar a diferença fundamental entre um fato e uma opinião.

Fato é acontecimento; é uma ação feita ou coisa.

Opinião é o modo de ver, é uma conjetura, é, consoante Plafão, "qualquer tópico de controvérsia".

O aprendizado ideal com filmes, slides e outros recursos modernos audiovisuais é um fato, e as críticas negativas, são meras opiniões e falsas conjecturas.

Um fato incontestável do pleno aprendizado é a técnica inigualável apresentada pelos filmes na televisão.

Se analisarmos as crianças dos dias atuais e compararmos com aquelas que não tiveram ou não tem a oportunidade de assistirem programas de televisão, notamos a diferença fundamental no comportamento e no linguajar das mesmas.

Se existe a tecnologia moderna a nossa disposição, é obrigação moral e motivacional do ensino, usá-la.

Ao chegarmos ao nosso lar, junto ao convívio familiar, com um simples movimento de nossos dedos, ligamos a televisão e temos o impacto de múltiplas mensagens coloridas ou em preto e branco e elas, na maioria das vezes, modificam nossa maneira de pensar e de agir.

Se isto não fosse verdadeiro, os empresários da atualidade, as grandes empresas multinacionais, não gastariam milhões de dólares ou cruzeiros em propaganda e em publicidade dirigida. Existe o **MARKETING** que é uma ferramenta para o retorno de todo o investimento aplicado nos veículos de comunicação de massa.

Não admitimos mais a fase somente coloquial, do professor falante, e do aluno-ouvinte.

Exigimos e temos o direito de nos aprimorar com o duplo impacto sensorial. Nossa visão e nossa audição exigem canais emissores perfeitos e na maioria das vezes coloridos.

Por isto, acreditamos no homem, acreditamos nos inventos da humanidade e você e eu temos o direito de exigir recursos audio-visuais em nosso constante aprendizado.

Não admitimos perder tempo com produções e cursos desatualizados, onde impera o pernicioso tradicionalismo, contrário às inovações tecnológicas de nossa época.

A escolha é sua, contudo os recursos audio-visuais lamentam o despreparo de certos "educadores".

Laércio Bekhauser
Professor de Vendas.

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25



ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA

COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464

(em frente ao Banco do Brasil)

Fone: 22-5036

Blumenau

Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO



COM SUA PERMISSÃO

CLICHEPAR

Rua Alwin Schrader, 100 (Saída p. BR 101)

Fotolitos, Clichês,
Desenhos e Composições

Fone (0473) 22-2894
Blumenau - SC